

# Histórias do banditismo na primeira pessoa

O «Land-Rover» em que viajo, juntamente com o Comandante do «Batalhão» destacado na Gorongosa, estaciona numa pequena localidade em ruínas. Fora incendiada pelos bandidos armados e os seus habitantes assassinados ou feitos prisioneiros. Estamos em Macheze, nas margens do rio Mucoza, a 12 quilómetros da vila da Gorongosa. Estamos a 18 de Setembro de 1985, no mês em que cheguei àquele distrito vindo da cidade da Beira. São horas de uma tarde amena e alegre.

Um dos oficiais do nosso Exército que seguiu na única viatura militar que nos acompanhou até ao local vem ter comigo, enquanto o Comandante do Batalhão, Capitão Luís Jorge Mabyeka, dialoga com alguns oficiais e soldados.

Estamos ao lado do que antes foi uma pequena capela hoje improvisada em armazém de mantimentos para as populações que vão chegando a Macheze, depois de libertadas das mãos dos bandidos armados. Já se encontram no local mais de três mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

O mesmo oficial, num gesto largo para um homem de meia idade que se encontrava a cerca de 10 metros de nós, convidamo-lo a vir ter conosco.

O oficial já me tinha explicado quem se tratava.  
— Boa tarde, Sr. Lisboa. Chamo-me (...), sou jornalista do (...); assim introduzi o diálogo, em inglês, com Jorge Francisco Cecília Lisboa, um indivíduo que fala correctamente a língua portuguesa como a minha.

— Sei que fala muito bem inglês e português. Em que língua prefere falar? — perguntei. Ele encolheu os ombros de forma indiferente. Concluí que ao meu interlocutor tanto fazia uma coisa como outra. Disparei, então, em português:

— Você era bandido armado?  
— Nunca fui bandido — respondeu com um largo sorriso, próprio de quem pretende conferir credibilidade às suas palavras.

— Então, o que fazia e quanto tempo permaneceu com os bandidos armados?

— Desde Outubro ou Novembro de 1983, Trabalhava em Chionde, perto da «Casa Bananas».

— Que trabalho fazia?  
— Trabalhava no centro de recepção de medicamentos de Chionde, que fica a cerca de 900 metros da Casa Banana. O meu trabalho consistia em tratar doentes que viviam na base.

— Onde é que vinham os medicamentos que vocês utilizavam no centro de Chionde?

— Os medicamentos vinham da África do Sul. Eram descarregados à noite, de aviões do tipo «DAKOTA» e «C-2A2».

— Como é que foi parar junto dos bandidos armados?

— Fui apanhado quando ia visitar a minha esposa, em Chionde. Nessa

altura eu vivia em Chimioio, perto da minha mãe.

— Que idade tem?  
— Nasci no dia 12 de Fevereiro de 1938, em Chimadzi, Tete.

— Você conheceu alguns chefes dos bandidos. Quem são?

— Conheci um chefe chamado Candigo. Era baixinho, gordo e falava português.

... E nunca conheceu o...



Francisco Jorge Cecília Lisboa, que trabalhou cerca de dois anos como enfermeiro na «Casa Bananas»

— Sim, conheci-o quando aparecia lá no centro de recepção de medicamentos. Andava sempre de motorizada e... Mas era muito raro vê-lo a andar de um lado para o outro.

— Disse que os medicamentos eram descarregados por aviões que chegavam à noite. Que outras coisas traziam esses aviões?

— Largavam muitas caixas e outros embrulhos grandes em pára-quadras. Algumas vezes víamos o que chegava e outras vezes não. Não nos deixavam aproximar dos embrulhos e das caixas.

Lisboa, que permaneceu cerca de dois anos no banditismo armado, disse-nos ainda que o tecido dos pára-quadras era depois cortado em pequenos retalhos que eram utilizados como moeda de troca junto das populações cativas. Um pequeno pedaço que nem chegava para fazer uma saia ou uma puça era trocado por uma ou duas galinhas.

Na altura em que dialogámos com Lisboa, este trajava um casaco azul-escuro e calças cinzentas, tudo em segunda mão, mas em excelentes condições de conservação.

Ele próprio confirmou-nos que quando chegou ao centro de recepção de Macheze não tinha roupa. O que trazia vestido naquele momento recebeu-o naquele centro, tal como aconteceu com todas as pessoas que ali se apresentaram depois da destruição do ninho do banditismo na Serra da Gorongosa.

Disse-nos nunca ter participado em nenhuma acção criminosa contra as populações indefesas, porque «eu trabalhava como enfermeiro e nunca saía da base».

Ao insistirmos para saber se pela circunstância de falar bem a língua inglesa nunca lhe tinham conferido outras responsabilidades, Lisboa negou respondendo secamente que sempre foi um simples enfermeiro.

Disse-nos, inclusivamente, que nem me aproximava do comando onde se encontravam todos os chefes. Um dos chamados chefes, um tal Francisco, tinha «seis raparigas», conforme nos disse o nosso interlocutor.

Francisco Jorge Cecília Lisboa apresentou-se como simples elemento da população às nossas autoridades no centro de Macheze, no dia 11 de Setembro de 1985. É casado e tem duas filhas, uma de 3 anos e meio e a outra com cinco anos de idade.

Fez os seus estudos primários em Palmtree, em Bulawayo, isto em

1945. Depois viveu na antiga Salisbury. Trabalhou nesta cidade durante muitos anos como mecânico-auto e só no ano de 1968 regressou a Moçambique, passando a viver em Chimioio, então Vila Pery.

Declara-se satisfeito porque hoje tem roupa e vive em liberdade. «Só falta dinheiro para comprar outras coisas que aqui não temos, mas a vida agora é melhor do que antes».

#### VI DLAKHAMA A FUGIR DE MOTORIZADA

Durante a minha permanência na Gorongosa, fui apresentado a vários indivíduos que colaboraram com o banditismo, uns de forma consciente outros não.

Do grupo que me foi apresentado destaca-se um jovem que se apresentou com a sua arma e diz estar arrependido dos crimes que cometeu contra populações indefesas.

Trata-se do jovem Carlos Manuel, 20 anos de idade, natural do distrito de Alto Molócué, na Zambézia. Diz ter estudado até à 4.ª classe. Expressa-se razoavelmente em português.

— «Fui raptado em fins de Fevereiro deste ano, em Luabo, onde trabalhava como pastor de gado. Nesse dia, fui levado, juntamente com

mais outras quatro pessoas também de Luabo» — conta Carlos Manuel, acrescentando que foram raptados por um grupo de cerca de 50 bandidos armados.

— De Luabo seguimos para Mopeia e depois para Maputo e Mutoro. Quando chegámos à «Casa Banana», em Março deste ano, já éramos cerca de 100 prisioneiros — prossegue o meu interlocutor.

Carlos Manuel, conta que depois da sua chegada à «Casa Banana», foram submetidos a um curto treino militar, sendo o instrutor um tal António Chuva, tratado por «comandante».

Afirma ter visto por várias vezes, durante os treinos, o bandido-chefe.

— «Ele andava de motorizada e trajava sempre a civil. Poucas vezes andava fardado» — diz Carlos Manuel.

Perguntado sobre onde é que se encontrava no dia do assalto à «Casa Banana», Carlos Manuel responde: «Estive na base pequena e vi o chefe dos bandidos a fugir de motorizada. Era de manhã, cerca das 9 horas. Ele estava na base grande e depois do ataque foi para a base pequena e desapareceu. Foi nessa altura que o vi de motorizada. Estava trajado a civil».

— Já conversou alguma vez com ele?

— Ele só aparecia algumas vezes durante os treinos para nos falar um pouco. Dizia que devemos combater contra a Frelimo para acabar com o socialismo e as aldeias comunais — respondeu o meu interlocutor.

— Mas você nunca combateu... — insistimos.

— Nunca combati. Quando acabámos os treinos ficámos na base e nunca saímos, disse.

— Mas se você tinha arma, munições e tudo, e já tinha feito os treinos para combater contra a Frelimo, o socialismo e as aldeias comunais, por que é que nunca disparou?

— Eu já disse que só ficava lá na base pequena e nunca saí.

— E por que é que se entregou com a sua arma?

— Porque vi que não valia nada continuar no mato. Não fugi antes porque não tive oportunidade. Agora surgiu essa oportunidade e aqui estou. Sinto-me arrependido mas fui levado a força a viver com os bandidos. Assim terminou o meu depoimento, o jovem Carlos Manuel que permaneceu seis meses de arma na mão nas fileiras do banditismo.